

P. D. N.

Quarta-feira, 12 de Março de 1958

RUBEM BRAGA

SÔBRE JANGADAS

NOSSA literatura é fraca em um gênero que me parece dos mais importantes, a monografia. No campo das ciências sociais temos muita gente para fazer ensaios, estudos e interpretações de caráter mais ou menos vago, ou pesquisas em que a realidade se quadricula em números e se esfarinha em observações miúdas. A honesta monografia tenta a bem poucos, porque exige um conhecimento mais longo e mais seguro do assunto; o escritor tem que «morar» no tema. Uso esse termo de gíria carioca porque ele é altamente expressivo; creio que Luís da Câmara Cascudo dispensará qualquer outro elogio depois de reconhecermos que ele «mora» nesse assunto de jangada. Esta a impressão que temos da leitura de seu livro agora publicado, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Eu o coloco ao lado de outra monografia brasileira, um livrinho admirável e há muito esquecido (por que não o reedita, Simeão?) sobre a pesca na Amazônia, de José Veríssimo.

ha tempos

Cascudo não apenas nos ensina com quantos paus se faz uma jangada como também conta sua história, sua geografia, sua economia. É rigoroso e preciso quando isso convém, mas não desdenha de nos contar histórias de jangadeiros, algumas emocionantes como a de Gangão já morto ainda pilotando sua jangada com o pulso amarrado à cana do leme.

Uma história impressionante é a da música que o jangadeiro ouve na solidão do mar: «Uma confiança quase geral é a existência da música no mar. Não apenas sons identificáveis de determinados instrumentos, mas melodia concordante e audível, inesquecível de beleza. Mas é sempre música perpetuamente inédita. Nem antes nem depois ouviram harmonia semelhante. Será que o mar, em certas condições de aquecimento e pressão, pode receber e transmitir trechos musicais à distância maior? Será que ventos e altura e volume das águas possam produzir sonoridades ordenadas, frases musicais legítimas? Navio ao longe, mesmo não percebido, explicará o fenômeno? Raro será o pescador que não tenha uma história para contar na espécie. E se derrama por tôdas as praias».

Assim Manuel Claudino, que uma vez viu uma luz azulada e ouviu a música subindo do abismo como de invisível orquestra miraculosa, e depois «ficou pescando sozinho no meio do mar escuro».

Cascudo fez um belo e bom livro.

DN - 13.11.65